

Paisagens biosgeoculturais das exterioridades: minha fronteira-sul, a morada das diferenças coloniais

Paisajes biosgeoculturales de las exterioridades: mi frontera-sur, el hogar de las diferencias coloniales

Pedro Henrique Alves de Medeiros¹

Edgar Cézar Nolasco²

Resumo

Este trabalho tem por objetivo delinear reflexões *outras*, de caráter crítico-biográfico fronteiriço/descolonial, à luz da paisagem da fronteira-sul (Brasil/Paraguai/Bolívia), lócus geoistórico-epistemológico, a partir da qual penso, (sobre)vivo, escre(vi)vo e enuncio entremeado pelas grafias do escritor e crítico literário Silviano Santiago. Para tal, utilizarei-me de uma metodologia bibliográfica respaldada pela crítica biográfica fronteiriça descortinada pelos conceitos de exterioridade e de paisagens *biosgeoculturais*. Dentre os autores que abalizam minha proposta, menciono, dentre outros, Walter Mignolo, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Edgar Cézar Nolasco, Eneida Maria de Souza e Homi K. Bhabha. Ademais, utilizarei-me, ainda, na trilogia (des)poética de Nolasco, *O pântano* (2014), *O oráculo da fronteira* (2019) e *A ignorância da revolta* (2019), com o intuito de descortinar grafias paisagística-biográficas *outras* do lócus de enunciação do qual habito cujas sensibilidades locais fundamentam o pesquisador fronteiriço da exterioridade (*anthropos*) que sou. Aliado a isso, evocarei traços e marcas da minha própria (auto)biografia intelectual-sul-fronteiriça de *menino-homem-fronteira* em consonância simbiótica às particularidades *biosgeográfico-culturais* do meu aliado hospitalero e divíduo Silviano Santiago.

Palavras-Chave: Crítica biográfica fronteiriça; exterioridade; fronteira-sul; paisagens *biosgeoculturais*; Silviano Santiago.

Resumen

Este trabajo pretende esbozar reflexiones otras, de carácter crítico biográfico fronterizo/decolonial, a la luz del paisaje de la frontera-sur (Brasil/Paraguay/Bolivia), locus geohistórico-epistemológico, desde el cual pienso, (sobre)vivo, *escre(vi)vo* y enuncio intercalados con la grafía del escritor y crítico literario Silviano Santiago. Para ello utilizaré una metodología bibliográfica sustentada en la crítica biográfica fronteriza que revelan los conceptos de exterioridad y paisajes *biosgeoculturales*. Entre los autores que apoyan mi propuesta, menciono, entre otros, a Walter Mignolo, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Boaventura de Sousa Santos, Edgar Cézar Nolasco, Eneida Maria de Souza y Homi K. Bhabha. Además, también utilizaré la trilogía (des)poética de Nolasco, *O pântano* (2014), *O oráculo da fronteira* (2019) y *A ignorancia da revolta* (2019), para develar grafías otras paisajísticas y biográficas del locus de enunciación del que vivo, cuyas sensibilidades locales son la base del investigador fronterizo da la exterioridad (*anthropos*) que soy. Aliado a esto, evocaré huellas y marcas de mi propia

¹ Mestrando no Programa de Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

(auto)biografía intelectual-sur-fronteiriza de un *niño-hombre-frontera* en simbiótica consonante con las particularidades *biosgeográficas-culturales* de mi *aliado hospitaleiro* e *divíduo* Silviano Santiago.

Palabras clave: Crítica biográfica fronteriza; exterioridad; fronteira-sur; paisajes *biosgeoculturales*; Silviano Santiago.

É pelos atravessamentos biográficos-escrevientes e geoculturais da paisagem geoistórica e epistemológica da minha fronteira-sul, tão real e geoistórica quanto imaginária e epistemológica, que este trabalho emerge chancelado pela exterioridade que habita não apenas em mim, mas, também, em meu aliado hospitaleiro fronteiriço Silviano e nos amigos críticos-poéticos-literários os quais convocarei à minha conversa epistêmica (MIGNOLO, 2003, p. 11). Estes, mediados pelo meu manejo teórico, se colam/roçam no meu/nosso intercorpo-*corpus* inconveniente-desviante a partir da aproximação-dispersão (BHABHA, 2013) da/na fronteira. O território-quase-não-nomeável (NOLASCO, 2014, p. 53) do lócus fronteiriço está imbricado em minha alma (NOLASCO, 2014, p. 53) de *menino-homem-fronteira-homo-biográfico*, bem como suas paisagens sombrias, porosas e pantanosas da exterioridade dormitadas, pela óptica colonialista-imperial do Ocidente, na ignorância, no esquecimento e na inferioridade (SANTOS, 2010, p. 188).

Foi exatamente ali, na suposta ignorância e revolta da fronteira, que passei minha infância e cresci contemplando suas paisagens geográficas e biográficas, responsáveis pela formação da minha sensibilidade de mundo (MIGNOLO, 2017, p. 20), na fazenda dos meus avós localizada na bordas de Campo Grande (MS), a capital que nasci e continuo habitando-sobrevivendo. Pela convivialidade com as sensibilidades e com os horizontes que tais paisagens descortinavam aos meus olhos inocentes de criança que vivia entre o campo e a cidade, percebi, precocemente, que não existia apenas um mundo possível, e, sim, vários, cada um com a sua particularidade e não sendo, de maneira alguma, um melhor que o outro. Eles se mostravam tão diferentes quanto era possível sê-lo e justamente essa característica me saltava os olhos, a experiência de viver entre-lugares que me ocorriam, fronteiriçamente, próximos/distantes e geográficos/imaginários ao mesmo tempo.

Silviano, *pari passu* e ressalvadas as nossas diferenças, experienciou essa condição de travessia ao nascer em 1936 no oeste de Minas Gerais, em Formiga, ir para Belo Horizonte estudar letras e, *a posteriori*, se mudar para Paris para escre(vi)ver uma tese sobre o escritor francês André Gide. Ademais, meu aliado hospitaleiro, na sua condição de professor-pesquisador-andarilho, lecionou em universidades estadunidenses voltando para o Brasil na posição de docente no Rio de Janeiro, na PUC-Rio, e nessa universidade se tornou professor emérito. Hoje, com quase 84 anos, transpassados anos e anos de carreira intelectual, o mineiro (sobre)vive e re-existe na capital carioca, até onde se sabe, em um apartamento localizado no bairro Copacabana. Dito isso, para além de todas as semelhanças-na-diferença transpostas entre mim e meu divíduo,entrevejo que, ambos, nas nossas particularidades, sabemos como é perceber o mundo pela óptica das paisagens/entre-lugares não apenas geohistóricos/físicos, mas, sobremaneira, epistemológicos e imaginários.

Dessa feita, alicerçados, dentre outras, por essa premissa sensível-crítica aquilatada em nossos *bios* desde cedo é que, hoje, na posição de críticos (biográfico fronteiriço, no meu caso), angariamos em nossas escrevências as possibilidades pluri-versais e pluri-tópicas de lutar e escre(vi)ver pelas co-existências das diferenças (coloniais) angariando sociedades mais igualitárias e justas ao prezarmos por *todas as vidas*. Na vida adulta, nunca tive medo de ir em direção (NOLASCO, 2014, p. 53) à minha fronteira-sul, de contorná-la e, agora bordá-la, por dentro e por fora, pelo crivo das minhas práticas epistêmicas escrevientes de crítico que pensa

a partir do seu lócus geoistórico e epistêmico. A dor colonizada de *anthropos* sobre-existe em meu peito ferido (NOLASCO, 2014, p. 53). E, nesse lócus/campo biográfico (NOLASCO, 2019, p. 77) e geocultural da exterioridade, ademais a qualquer figuração acadêmica, me formei o *menino-homem-fronteira-homo-biográfico* que nos dias atuais me orgulho de ser. Fronteiriço, por excelência, venho compondo-delineando-tracejando as bordas do meu lócus de sobrevivência e de enunciação que atravessa todas e quaisquer *homo-bios*-grafias familiares e históricas (NOLASCO, 2019, p. 77) enunciadas nesse *trabalho-corpo-político*.

Tal qual o crítico sul-fronteiriço Marcos Antônio Bessa-Oliveira assente, aquilato essas minhas paisagens pela égide biográfica e seus retratos culturais afincados em uma epistemologia *outra* (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 55), fronteiriça-descolonial, e em meus corpo-*corpus* escrevientes. As paisagens *biosgeoculturais* teorizadas, ilustradas, delineadas e criadas por mim retratam, como condição *sine qua non*, a minha óptica de andarilho e divíduo atravessado por minhas sensibilidades e histórias locais da/na fronteira e na exterioridade. À vista disso, entrevejo que cada qual entrevê a paisagem particular (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 55) que se desenha aos seus olhos e, por extensão, a retrata da maneira que melhor lhe convém e é possível. Da minha visão, posto em um lócus enunciativo acadêmico, ainda que não o queira, territorial, entrevejo essas imagens paisagísticas do “outro lado da linha” ademais ao último céu e aos escombros da fronteira que me resta ” (NOLASCO, 2019, p. 12).

As minhas/nossas paisagens, portanto, são *fronterizas* e periféricas, atravessadas pelo portunhol selvagem, desenhadas não só para mim, e, sim, para todos aqueles (NOLASCO, 2013, p. 91) que ali se encontram permeados pela porosidade da condição fronteiriça que nos habita e a qual vivenciamos na carne queimada pelo sol escaldante dos trópicos. Nesse lócus, habitamos o entre-lugar, o liminar, as permeabilidades lindeiras e transfronteiriças (NOLASCO, 2013, p. 94) que parecem pontuar as *biosgeografias* do nosso pensamento periférico quase incontornável (NOLASCO, 2013, p. 94) e não palpável, haja vista suas peculiaridades imaginárias e epistemológicas incutidas pelo caráter fronteiriço de ser, estar e falar/escre(vi)ver a partir da exterioridade.

Referências

- BESSA-OLIVEIRA, M. A. *Paisagens biográficas pós-coloniais*: retratos da cultura local sul-mato-grossense. Campo Grande: Life Editora, 2018. (Obra Completa)
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (Obra Completa)
- MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. (Obra Completa)
- MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso: 20 abr. 2020. (Artigo em Periódico Digital)
- NOLASCO, E. C. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013. (Obra Completa)

NOLASCO, E. C. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014. (Obra Completa)

NOLASCO, E. C. *O oráculo da fronteira*. São Paulo: Intermeios, 2018. (Obra Completa)

NOLASCO, E. C. *A ignorância da revolta*. São Paulo: Intermeios, 2019. (Obra Completa)

SANTOS, B. de S. *A gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010. (Obra Completa)